



DUAS VERSÕES, UMA OBRA LITERÁRIA

Rogério Santana¹

O conflito na cidade de São José do Duro (hoje Dianópolis), em 1918-1919, vem rendendo uma discussão que tenta reparar possíveis erros históricos cometidos por Bernardo Élis em seu romance *O tronco*. Toda a contenda tem origem no assassinato de Vicente Pedro Belém, fazendeiro da região, cujos assassinos estariam a serviço do juiz municipal, Manuel de Almeida, e do coletor estadual, Sebastião de Brito, segundo uma versão, ou da família dos Wolney, principalmente em benefício do ex-deputado Abílio Wolney, segundo outra versão.

Para apresentar um pouco da discussão que se vem dando no âmbito das últimas publicações sobre esses fatos, serão reproduzidas aqui algumas passagens do diário de Abílio Wolney, publicado por Abílio Wolney Aires Neto, em 2002 (disponível no sítio www.dnoto.com.br/site/Livros/), em que parte do diário do líder político da região do Duro vai revelando algumas informações sobre a ida da Comissão instituída pelo governo do Estado, para pacificar o conflito na vila, bem como revelando suas interpretações sobre o desenrolar dos fatos.

Ainda em 1917, ele anota:

Dezembro, 29 – Sábado. Vou pernoitar no Açude. Nesse dia, às 4 horas da tarde aproximadamente, assassinaram de emboscada na passagem do riacho Corrente a meu dedicado amigo Vicente Pedro de Belém, que recebera três tiros de Winchester – 1 na região renal direita, outro no peito direito e um outro no punho direito. Devido a velha intriga que o mesmo tinha com seu concunhado Zuca Vianna, a opinião aponta este como autor do assassinio. Enquanto viver não esquecerei o amigo.

¹ Professor de Literatura na UFG.

Dezembro, 30 – Domingo. Chegando do Açude às 9 horas, tive notícia do ocorrido acima e imediatamente segui para fazer o enterro do meu saudoso amigo. Acompanharam-me João Teté, Antônio Carpina, Cândido, Alexandrino, João Francisco, Mestre Amâncio e Luiz da Cruz. Depois de estarmos na Pedra Grande, chegou um suplente de Juiz Mal. e escrivão (Nico e Justino) que fizeram o exame cadavérico. Às 5 da tarde teve lugar o enterro junto ao túmulo do meu saudoso amigo Candido Ribeiro. Deixei pessoas de confiança com a viúva d. Rosa, receosa de saque, e regressei, chegando aqui às 7½ da noite, encontrando meu Pai que me esperava.

Após o assassinato, desponta um temor por algum tipo de vingança, o que de certa forma impõe a Abílio Wolney uma atitude protetora de quem o procura. Essa atitude vai se delineando em seu diário, o que era esperado de uma liderança rural que exercia profunda influência sobre os moradores da região. Vejamos duas anotações nos primeiros dias de janeiro que demonstram isso:

Janeiro, 2 – Quarta. Wolney volta do Duro junto com o professor João Corrêa, almoçam aqui e seguem para o Açude. Compadres Domingos e João Rodrigues e Salvador Rodrigues estiveram aqui conversando sobre o assassinato de Vicente Belém.

Janeiro, 3 – Quinta. O João de Mello aqui esteve tratando do assassinato de Vicente e receoso de ser perseguido pelos parentes da vítima.

Do temor, os relatos particulares de Abílio Wolney passam à figura de Zuca Viana (José Nunes Viana). Segundo sua versão, o assassinato estaria sendo acobertado pelo juiz Manuel de Almeida.

Janeiro, 6 – Domingo. O Dr. Abílio passa para o Santo Antônio pela manhã a convite do Cel. Silva; com ele vai José Gomes. Wolney volta do Açude. À tarde esteve aqui o compadre João Rodrigues e informou-me que o Zuca seguiu do Santo Antônio em direção a Palma, eu porém penso que tenha ido para Conceição dos Araújo.

Janeiro, 9 – Quarta. Meu Pai passou para o Duro e eu fui passear em casa do compadre Domingos Francisco, de tio Francelino e na Viela; dali vim com meu Pai até aqui onde encontramos Benedito Pinto e Josino que tinham vindo conversar comigo acerca do caso Zuca-Vicente.

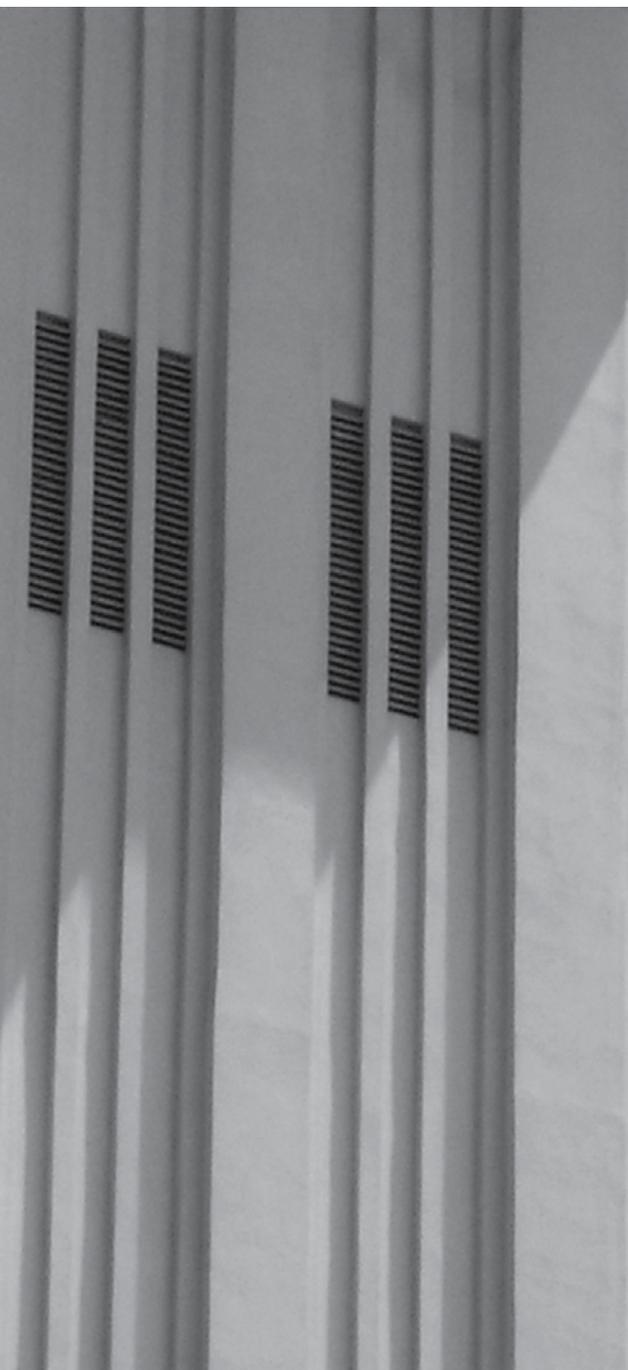
Janeiro, 28 – Segunda. Candinho e o Professor João Corrêa passam do Açude para o Duro. Coquelim passa da Conceição para o Açude. Recebo carta de João Belém pedindo-me informações acerca do assassinato de Vicente Belém. O Mestre Amâncio, acompanhado de Joaquim Cavalcante e Felipe, chegou aqui.

A situação de oposição política dos Wolney ao governo de João Alves de Castro, no entendimento de Abílio Woney, não poderia ser motivo para perseguição como julgava estar acontecendo. Daí a busca por esclarecer os motivos verdadeiros do conflito em São José do Duro. É o que procura fazer Casimiro Costa:

Fevereiro, 22 – Quinta. Encontrei um positivo de Casimiro nos comunicando a resolução de ir à Capital entender com o Governo acerca da nossa situação política; Janjão já havia convidado a compadre João Rodrigues e a Benedito a fim de confirmarmos acerca da resposta a dar. Chegando, notei a falta do compadre Domingos e Janjão mandou convidá-lo. Chegando o compadre Domingos resolvemos dar ao Compadre Casimiro amplos poderes de representação e fizemos por meio de um mandato escrito. Meu Pai propôs que se quotizasse para auxiliá-lo e Janjão subscreveu 200 \$s., Benedito 100 \$s, João Rodrigues 10 \$s, Compadre Domingos 50 \$s e meu Pai 300 \$s. Candinho remeteu em carta 100 \$s. Do Duro mandei Alexandrino passar na Boa Vista, morada de Compadre Domingos, para trazer Candinha e sua companheira Leonor e aqui chegando à noite as encontrei. A Candinha vem ficar em casa da Maria até que eu faça uma casa para ela no Cedro.

O relato no diário continua com a preocupação do autor com o possível fechamento da repartição, com a ausência do coletor. Diferente do que está no romance de Bernardo Élis, há aqui uma demonstração de empenho em manter o processo em julgamento, a fim de que se chegasse a uma solução pacífica, sem prejuízo para os Wolney.

Mai, 23 – Quinta-feira. Deixei o pessoal continuando a tirada de madeiras e coivaras e fui visitar Josino Valente e Benedito Pinto; em casa de Josino estavam Confúcio e Sebastião. Desse passeio voltei para o Duro onde pernoitei e soube do propósito do Coletor de retirar-se e fechar a repartição; para evitar o grande prejuízo que essa medida acarretaria, por intermédio de Janjão perante Francellino e Confúcio consegui que ele promettesse não fazê-lo.



A partir do mês de agosto, a preocupação de Abílio Woney se concentra na vinda da Comissão chefiada pelo juiz Celso Calmon Nogueira da Gama. Seria uma segunda etapa decisiva para os desdobramentos que viriam a seguir. Significativo pensar o que Abílio Wolney atribui como preparativos bélicos, sugerindo na indagação de Aureliano Figueiredo as providências que estariam sendo tomadas para um enfrentamento armado à força policial constituída para pôr fim ao conflito na vila.

Agosto, 19 – Segunda-feira. Fui ao Duro e ali encontrei o Aureliano Figueiredo, naturalmente assuntando o que há acerca de preparativos bélicos. Diz este que a força esperada está em Arraias e que compõe-se de 45 praças. Aqui chegando à tardinha encontrei João Magalhães, cunhado de Abílio Araújo, que vem chegando com negócio de fazendas.

Agosto, 21 – Quarta-feira. Assentei o monjolo, que funcionou bem. Fui ao Duro ver Abílio Faria e Wolney, que chegaram do Bonfim. Recebi cartas comunicando a vinda do Dr. Celso Calmon, Juiz de Pouso Alto, comandando força para este lugar.

Setembro, 8 – Domingo. Ao entrar do sol chega um positivo dos nossos amigos Coronel Chico Rocha e Dr. Francisquinho pedindo informes seguros acerca do caso Duro e nos oferecendo seus valiosos préstimos.

Setembro, 11 – Quarta-feira. Chega o correio que me traz cartas do Marechal Abrantes, Dr. Jayme e O Democrata, de 31 de julho, que faz um apanhado dos homens de valor no Norte, aos quais qualifica de bandidos. Estes papéis meu Pai me trouxe e combinamos de ir juntos aos Prazeres, amanhã.

Setembro, 12 – Quinta-feira. Pela manhã segui para o Duro dali para a Beira d'Água ou Prazeres, onde conferenciamos com Benedito Pinto assentando no nosso modo de agir com relação à força esperada.

Setembro, 13 – Sexta-feira. Pela manhã meu Pai passa para o Jardim. À tarde, chegam cartas de Conceição noticiando a chegada do resto da força em Arraias.

Setembro, 16 – Segunda-feira. Pernoitam comigo diversos amigos, que vêm prestar-me seu apoio. Janjão e Anna Custódia, retirando-se também para o Açude, pernoitam aqui. A Vila está ficando deserta.

Setembro, 18 – Quarta-feira. Tio Francelino e Confúcio desejam ir ao encontro do Juiz, vêm me consultar e eu aprovo.

Setembro, 30 – Segunda. Do Rio Limpo, venho ao Açude, onde encontro compadre Casimiro, Anísia, Luis e compadre João Rodrigues, os 1^{os} vindos de Conceição. Informam-me eles que a Comissão do Duro já viaja de Taipas para cá. Pernoito com eles.

A data da chegada da Comissão a São José do Duro, 4 de outubro, está devidamente registrada também por Guilherme Ferreira Coelho, escrivão constituído que publicou seu relato da viagem, *Expedição histórica nos sertões de Goyaz (Goiânia: ICBC, 2008)*. Ali, no capítulo dedicado à chegada, diz ele:

Apresentam-se, nesse trajeto, os cidadãos Sebastião de Brito e sua Exma. Família, dr. José Hermano e o velho Manoel de Almeida, funcionários do Fisco e da Justiça, que se haviam afastado da vila, deixando os cargos, cujas funções não podiam livremente exercitar diante da prepotência de Abílio Wolney e outros, como se queixavam.

Pelo seu relato, a versão contrária à de Abílio já tinha ganhado consistência na origem da criação da Comissão, expressa vivamente pelo escrivão que não poupa opositor ao governo estadual.

Outubro, 4 – Sexta-feira. Fomos informados da chegada do Juiz e da força, ao meio-dia, tendo o promotor Mandacaru ficado atrás. Juiz, oficiais e força arrancharam no Sobrado de minha propriedade.

Outubro, 5 – Sábado. Benedito Pinto, vindo da sua residência – Prazeres – encontra-se aqui com o Dr. Abílio, Luis Leite e companheiro Casimiro e juntos vão ao Duro visitar o Juiz, do qual trazem boa impressão. Meu Pai também veio até aqui e regressou com os companheiros. Liberatinho veio com o Pai e de volta foi esperá-lo na Água-Boa.

Outubro, 6 – Domingo. Soubemos da chegada do dr. Mandacaru pela manhã, desavença deste com o Juiz, que mandou tomar-lhe as armas, detê-lo e despacho de um positivo, João Francisco e 2 soldados à paisana para Barreiras a passar telegramas.

Essa é a última data de Abílio Wolney. Logo em seguida anota seu organizador: “Aqui acaba o Diário de Abílio Wolney, dando a entender que suas últimas páginas foram arrancadas e destruídas. Se o foi, não se sabe por quem e nem por qual razão.” Há duas passagens escritas por Abílio Wolney Aires Neto que indicam mutilação e descaso com o material do avô. A primeira é essa, em que levanta a hipótese de mutilação do diário. Precisariamos de mais informações para supor o que poderia ter acontecido de fato com os escritos de Abílio Wolney; “arrancadas e destruídas” é uma hipótese muito vaga: a primeira é óbvia, a segunda carece de provas.

A outra passagem alega descaso com material escrito pelo líder político de São José do Duro. E o descaso é de Bernardo Élis, segundo o organizador do diário. Além do desaparecimento do material, Élis também teria “traído” Abílio, ao ser fiel apenas à narrativa de seu esconderijo, uma estiva de farinha. Nesses não é demais lembrar que o escritor fez um romance histórico. E é por ele que o acontecido em Duro ficou conhecido. Se não fosse o romance de Bernardo Élis, o conflito de 1918-1919 teria caído no esquecimento historiográfico, motivo de trabalho acadêmico, com interesse restrito a especialistas, a exemplo de outros conflitos na região norte do então Estado de Goiás. O texto literário se mostrou mais vigoroso do que as próprias versões, aproximando-se de uma e de outra, e deixando realçar fundamentos da luta pelo poder no sertão goiano. Não é à toa que Bernardo Élis faz ecoar em *O tronco* aspectos da obra de Euclides da Cunha, *Os sertões*, principalmente no que se refere ao deslocamento da Comissão e à luta. Valia mais uma interpretação dos princípios que regem a vida no sertão do norte do que propriamente a assunção de uma versão dos fatos. Além disso, Bernardo Élis

soube carregar tinta em aspectos literários do romance, fazendo dele peça de reflexão mais do que de informação. Vejamos o que nos traz o documento elaborado por Abílio Wolney, escrito por volta de 1940. Antes, porém, os comentários introdutórios:

Como o objetivo maior deste livro foi trazer anotações de passagens históricas e registros feitos pelo próprio Abílio Wolney, transcrevo um documento que, embora tenha sido datilografado por ele em 1940 – portanto produzido mais de 20 anos após os acontecimentos de que tratam este livro – é o único no qual Abílio Wolney narra, dentre outras coisas, a Chacina de 1919. Um manuscrito que ele teria dado a Bernardo Élis em meados de 1950, narrando aquele episódio, nos foi sonogado nas visitas que fizemos ao escritor por volta de 1991, sob a evasiva de que o teria emprestado a outro escritor que o extraviara.

*Aliás, este documento que transcreveremos, sendo pelo menos dez anos mais antigo do que aquele que Abílio Wolney teria redigido num pequeno bloco de cartas ao escritor goiano, parece mais fidedigno, já que escrito com vagar, quando aquele outro foi manuscrito em uma pensão próxima ao Liceu de Goiânia, de certo modo improvisado e posto com aquilo que ele se lembrou de improviso, sem condições de tempo para maior reflexão – pois o fizera numa noite naquele pensionato, sem ter acesso a anotações pormenorizadas, que sempre guardou em arquivo na sua terra, não obstante a destruição de diversos documentos seus pela milícia da oligarquia na Revolução de 1919. A propósito, como anotamos no livro *No tribunal da história*, Abílio Wolney se sentiu traído por Bernardo Élis, que do bloco de cartas manuscrito naquele pensionato nada aproveitou em seu livro *O tronco*, senão a narrativa do esconderijo dele, Abílio, numa estiva de farinha, por ocasião do ataque da polícia dos Caiados.*

Até 1918, o pessoal de trabalho era numeroso e seus adversários locais começaram a denunciá-los de estarem formando reduto de cangaceiros, e lá veio uma Comissão chefiada pelo bacharel Celso Calmon Nogueira da Gama (nome da dinastia tão grande quanto sua perversidade) e prestigiada por 50 policiais.

Sabedora da aproximação dessa escolta sinistra, toda a família Wolney retirou-se para a fazenda Buracão, alojando-se nos seus vastos aposentos e preparando-se para a defesa se necessária.

A Comissão Celso marchou até chegar sem o menor embaraço, quando podia ter sido dizimada. Mas os Wolneys queriam um juiz que apurasse a verdade e assentaram de não lhe criar o menor entrave.

A Comissão, chegando, manifestou logo seus propósitos de desrespeito e arbitrariedade, ocupando sem entendimento algum com seus proprietários, que estava a 7 quilômetros de distância todas as suas propriedades desta cidade, então Vila. Tratou de abrir Inquérito em segredo de justiça.

Durante esse intervalo reconheceu que sua força seria insuficiente para atacar a fazenda Buracão e, para cumprir as ordens que trazia, que deviam ser premiadas com uma cadeira no Tribunal Superior do Estado, lançou mão do ardil:

Conhecedor das idéias de defesa exclusivamente dos Wolneys, certo dia, pela manhã, acompanhado do Oficial de polícia Catulino, do seu Escrivão e de um Soldado se dirigiu à Fazenda onde foi recebido com a distinção que devia merecer um comissionado daquela ordem; lá almoçou com a família, palestrando afavelmente e incutindo no espírito de todos que a missão que trazia era de apurar a verdade e que aquela visita, com o acolhimento respeitoso que tivera, dos trabalhos que presenciara, lhe certificavam da injustiça das acusações.

No seu retorno, pela tarde, foi acompanhado por diversos membros da família até perto desta cidade; estes, sobretudo, retornaram à fazenda encantados com a bondade do Juiz e exigiram de Abílio Wolney a dispersão do seu pessoal de defesa, o que este fez constrangidíssimo, pois reconhecia a falsidade das afirmações.

Logo que o Juiz teve certeza de que a defesa da fazenda estava desorganizada, preparou o ataque, que se realizou pelas 4 horas da manhã do dia 23 de dezembro de 1918, no momento em que o Cel. Wolney, despreocupado, partia para uma caçada.

A fazenda estava indefesa. Ao cercá-la, dois disparos apenas se ouviram e foram aqueles com que a força, no pátio da casa, prostraram o Cel. Wolney e seu companheiro de caça João Caboclo!

O autor destas linhas escapou metido num grande depósito de farinha; todos os mais foram presos, homens e mulheres.

Depois destas, seguiram-se as prisões de todos os homens de destaque desta localidade. Os principais foram metidos em um tronco de jatobá; outros em quartos estreitos e infectos, e nessas prisões todos eles foram fuzilados a tiros de revólver no ouvido; o dia que o POVO revoltado reclamava os prisioneiros.

Depois de algum tiroteio, os covardes correram, deixando os cadáveres insepultos.

Os fuzilados no tronco foram os Majores João Baptista Leal, Benedito Pinto de Cirqueira Póvoa, João Rodrigues de Santana, o estudante Wolney Filho, o ourives Messias Camello, os jovens Salvador Rodrigues, João Póvoa e Nilo Rodrigues; Oscar Leal, filho de João Leal, foi assassinado com um tiro de revólver na prisão em que se achava na casa do Oficial Antônio Seixo de Brito.

Numerosos outros assassínios foram perpetrados, em número de 71 pelo interior do Município!

Tudo isso a política do Caiadismo aprovou e ainda premiou.

Mas o homem visado por Antônio Ramos Caiado – Abílio Wolney – estava vivo e, na impossibilidade de tirar-lhe a vida, foi organizada nova Expedição chefiada pelo bandido Antônio César de Siqueira, arvorado em Cap. de polícia, para confiscar os bens da família e dos seus amigos; e o confisco foi feito durante mais de três anos!

Parodiando a historia, direi: César romano foi pobre para Cecília [sic] rica; voltou rico de Cecília pobre. O nosso César mirim veio pobre para Douro rico e voltou rico de Douro pobre, graças ao Caiadismo!

Terminou assim a epopéia 18–19; os foragidos começaram a voltar às suas propriedades arruinadas; deles, o último foi Abílio Wolney, que chegou a esta cidade no dia 8 de outubro de 1938.